

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 40

2023

Nº. 247

JANEIRO - FEVEREIRO

(Não aderimos ao último acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A	Editorial	2
1500-487 Lisboa	Recordando Allan Kardec	7
Telefone :	A + essencial de todas...	9
217647441	Natal e Jesus	14
*	Mensagem aos Espiritual.	15
Director Responsável	Jesus-Cristo	23
Manuela Vasconcelos		

*

EDITORIAL

Estamos no princípio do novo ano, ou seja, já estamos em 2023. Começou há 48 horas atrás, e, para início, tentamos recordar o que foram os meses a que o calendário deu, agora, fim, o que cada dia ou mês trouxe de bom, o que foi mau e tentaremos reparar ou modificar na nossa conduta, para que não voltemos a repetir os mesmos erros.

O princípio, teve ainda uns restos da pandemia provocada pelo covid-19 mas pensamos também que, em algumas coisas, ela foi a desculpa para o que se deixou de fazer... ou se fez de errado sem qualquer tentativa de se melhorar as consequências desses mesmos erros, que reconhecemos que o foram! É como se tivéssemos ficado de braços cruzados, sabendo que não deveríamos estar assim!

E agora, neste início que é apenas a continuação dos dias anteriormente vividos, podemos-nos perguntar se já “criámos disposição” para nos melhorarmos, para tentarmos o “fazer melhor”, aproveitando o tempo que nos resta e não conseguimos adivinhar se será muito... ou pouco!

Analisando ou, pelo menos, debruçando-nos sobre aquilo que reconhecemos que poderia ter sido feito de outra maneira, perguntamo-nos o que nos restaria se Deus, simplesmente, se cansasse de nós? Se Ele apontasse para cada uma das nossas falhas, chamando-nos a atenção para as mesmas, sabendo que foram devidas, apenas, à falta de disposição de fazer melhor; sabendo que as consequências seriam severamente punidas no imediato, será que não teríamos tomado

atitude diferente da que tomámos naquele momento? Será que a nossa “irreflexão” não é apenas consequência de sabermos que somos imortais e temos a eternidade para nos modificarmos? Que aquilo que tiver de ser emendado se não o for hoje, será amanhã ou depois, sendo que esse amanhã pode significar uma nova reencarnação?

Mas, pensando assim, não estamos a perceber que todas as acções erradas criam as suas consequências, e elas significam sempre, dor, sofrimento, doença?

Onde se escondeu o nosso desejo de querermos ser perfeitos? De querermos ser felizes? Vamos responder que depende apenas de Deus, quando unicamente se encontra nas nossas mãos a construção dessa felicidade que nos recusamos a aceitar como sendo apenas, e unicamente responsabilidade nossa?

O Senhor, ao criar-nos, não nos apontou o prazo dessa meta, que não nos preocupamos em conquistar, parecendo-nos, por vezes, com a nossa conduta, que ela nos é inacessível...e vamos vendo e deixando o tempo correr como se não conseguíssemos modificar aquilo que, querendo, será fácil de se conseguir, porque, tendo chegado ao aqui e agora, temos de reconhecer que com um pouco mais de empenho, fácil nos seria terminarmos esta “escultura” – o nosso EU imortal e ainda imperfeito – com uma rapidez maior.

Se somos capazes de tantas renúncias – quando as queremos fazer -, se somos capazes de nos doarmos aquilo que achamos que nos é necessário, porque não nos empenhamos mais em nos doarmos... amor? É isto mesmo: quando formos capazes de nos amarmos melhor a nós mesmos; quando formos capazes de renunciar àquilo que nos agrada mas sabemos que nos prejudica; quando formos capazes de recusar os atalhos que teimamos por optar em vez dos caminhos que temos de percorrer – quando formos capazes de nos lembrar, numa qualquer indecisão pela dúvida da acção que se nos põe, que Jesus afirmou ser “O Caminho, a Verdade e a Vida”, e seguirmos,

finalmente, os seus ensinamentos e os seus exemplos, teremos tomado, finalmente, a decisão correcta e conseguiremos seguir em frente sem qualquer vacilação nos passos que dermos!

Até que o façamos, vamos apontando o que reconhecemos errados nos outros, vamos continuando a usar em nós os óculos de lentes cor de rosa - aquelas que nos ajudam a iludirmo-nos no nosso dia a dia – e vamos continuando a lamentar-nos, como se os “outros”, apenas eles, fossem os culpados do nosso sofrimento!

E enquanto o Senhor continua, pacientemente, à nossa espera, perguntamo-nos se não será tempo de acordarmos e aproveitar o que nos resta desta nossa reencarnação? Sim, porque todos falam do mundo de regeneração, que já começou a ser preparado mas... quem é que se está preparando para nele habitar? Ou será que, quando vier, esperamos ser lá colocados, sem qualquer espécie de esforço, mas assim a modos que... caídos de paraquedas?

Pensemos um pouco... afinal, somos todos pessoas inteligentes!

*

Há um escritor português, actual, Francisco Moita Flores, que não tem pejo em pôr o “dedo na ferida”, quando precisa de dizer alguma coisa, e, há dias atrás lemos, da sua autoria e a propósito dos acontecimentos do ano findo:

“Adeus, 2022!

“2022 está de partida e não deixa saudades. O nível de decadência a que estamos submetidos, de degradação moral e política é de tal modo hediondo que nunca fez tanto sentido a citação que introduz o romance de Hemingway, *Por quem os sinos dobram*: **“E por isso não perguntes por quem os sinos**

dobram. Eles dobram por ti”. Dobram pelo povo ucraniano, submetido à matança indiscriminada de crianças, mulheres, velhos, levada a cabo por um assassino bárbaro que retirou a máscara de Estadista para se revelar na sua obsessão cruel por sangue e morte. E dobram por nós que, apesar dos inúmeros testemunhos do genocídio, não temos força para nos rebelarmos contra o Mal. Dobram por Masha Amin, a jovem assassinada pela Polícia religiosa do Irão e pelas dezenas de mulheres que tiveram o mesmo fim e dobram por nós que, perante este enxovalho da dignidade humana, não tivemos força para pouco mais de um gemido de protesto. Dobram pelas mulheres afegãs, impedidas de qualquer actividade sem a tutela de um macho, impedidas de estudar, de viver a sua condição humana, submetidas à mais radical opressão e dobram por nós que vemos, ouvimos e lemos e fazemos os possíveis por ignorar. Dobram pelos escravos no Qatar e pelos escravos nos campos de Portugal, sem direitos, desprovidos de dignidade, sujeitos aos caprichos de negreiros e dobram por nós que sabemos, que conhecemos e permitimos que a política do faz de conta lavem as mãos como Pilatos, sujeitando-nos à vilania que a própria política, cínica e hipócrita, legítima. Dobram pela caducidade da razão humana, submetida ao império dos poderes dominantes, que nos servem emoção a rodos sem uma resistência inteligente e digna aos vários movimentos da bestialidade humana que produziram Trumps, Bolsonaros e quejandos por toda essa Europa fora e dobram por nós, culturalmente desnutridos, que subjectivamente reforçamos estes movimentos alucinados quando desesperadamente nos entregamos às paixões da bola, do concurso da moda, do herói do momento, sem que sintamos a alma suja por tanto servilismo.

“2022 é o ano de todos os desaires para a dignidade humana. Lá fora e cá dentro. E por isso não perguntes por quem os sinos dobram. Eles dobram por nós.”

Estas palavras, imaginem, foram publicadas numa ‘Revista cor de rosa’, na página ‘Piquete de Polícia’, mas, realmente, de cor de rosa não têm nada – pelo contrário, elas são como que um abanão a acordar quem ainda esteja adormecido ou que olhe apenas para o seu próprio umbigo: a hora de acordarmos já passou há muito e cada um de nós tem de arrancar de si o egoísmo que ainda o comanda. O mundo de regeneração, de que tantos falam, não se fez para todos aqueles que continuam de braços cruzados vendo, ao lado, um companheiro a cair.

É certo que a Doutrina nos diz que cada um tem o que merece, que o Senhor não dá a ninguém uma cruz com um peso superior àquilo que se pode suportar... Mas o Evangelho também nos ensina que Deus coloca os casos que mais nos tocam no nosso caminho não para que digamos que “sofre porque Deus assim o quer”, mas para que tentemos, cada um à sua parte, acabar com o sofrimento que reconhece no seu próximo. (ESE, Cap. V, nº. 27).

Neste novo ano que agora começa, que cada um se preocupe em analisar melhor os seus actos e procure levar sempre, com amor, as suas mãos àquelas outras que se encontram vazias de afecto, de luz... e até de moral!

Que este seja um ano diferente, na aplicação da nossa reforma íntima, de maneira a podermos chegar ao final do mesmo com a certeza de nos termos melhorado - pelo combate

que tenhamos feito de tudo aquilo que cada um precisa de erradicar de si próprio.

Muita paz para todos.

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC **Ensaio teórico das curas instantâneas** *(Continuação)*

Consideradas unicamente do ponto de vista fisiológico, as doenças têm duas causas, que até hoje (1868) não foram distinguidas, e que não podiam ser apreciadas antes dos novos conhecimentos trazidos pelo Espiritismo. É da diferença destas duas causas que ressalta a possibilidade das curas instantâneas, em casos especiais, e não em todos.

Certas moléstias têm sua causa original na própria alteração dos tecidos orgânicos; é a única que a Ciência admite até hoje. E como, para a remediar, não conhece senão as substâncias medicamentosas tangíveis, não compreende a acção de um fluido impalpável, tendo a vontade como propulsor. Entretanto, aí estão os curadores magnéticos para provar que não é uma ilusão.

Na cura das doenças desta natureza, pelo influxo fluídico, há substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias. É a história de uma velha casa, cujas pedras

carcomidas são substituídas por boas pedras; tem-se sempre a mesma casa, mas restaurada e consolidada. A torre Saint-Jacques e Notre-Dâme de Paris acabam de sofrer um tratamento deste género.

A substância fluídica produz um efeito análogo ao da substância medicamentosa, com esta diferença: sendo maior a sua penetração, em razão da tenuidade de seus princípios constituintes, age mais directamente sobre as moléculas primeiras do organismo do que o podem fazer as moléculas mais grosseiras das substâncias materiais. Em segundo lugar, sua eficácia é mais geral, sem ser universal, porque suas qualidades são *modificáveis pelo pensamento*, enquanto as da matéria são fixas e invariáveis e não podem aplicar-se senão em determinados casos.

Tal é, em tese geral, o princípio sobre o qual repousam os tratamentos magnéticos. Acrescentemos sumariamente, e de memória, já que não podemos aprofundar aqui o assunto, que a acção dos remédios homeopáticos em doses infinitesimais, é baseada no mesmo princípio; a substância medicamentosa, levada pela divisão ao estado atómico, até certo ponto adquire as propriedades dos fluidos, menos, todavia, o princípio anímico, que existe nos fluídos animalizados e lhes dá qualidades especiais.

Em resumo, trata-se de reparar uma desordem orgânica pela introdução, na economia, de materiais sãos, substituindo materiais deteriorados. Esses materiais sãos podem ser fornecidos pelos medicamentos ordinários *in natura*; por esses mesmos medicamentos em estado de divisão homeopática; enfim, pelo fluido magnético, que não é senão matéria

espiritualizada. São três modos de reparação, ou melhor, de introdução e de assimilação dos elementos reparadores; todos os três estão igualmente na Natureza, e têm sua utilidade, conforme os casos especiais, o que explica por que um tem êxito onde outro fracassa, porquanto seria parcialidade negar os ser viços prestados pela medicina ordinária. Em nossa opinião, são três ramos da arte de curar, destinados a se suplementarem e a se completarem, conforme as circunstâncias, mas dos quais nenhum tem lastro para se julgar a panaceia universal do género humano.

ALLAN KARDEC

(In: REVISTA ESPÍRITA – Março de 1868, ed. FEB/FEP, 2018).

*

A MAIS ESSENCIAL DE TODAS AS FERRAMENTAS PSÍQUICAS

É uma benção a calma ante as tempestades da vida.

“(...) Eu vos dou a minha paz, mas não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração.”¹

Alguns psicanalistas como John Bowlby e D. W. Winnicott consideram que a arte de manter a tranquilidade é um dom fundamental da vida, chegando mesmo a afirmar que tal arte é a mais essencial de todas as ferramentas psíquicas. Portanto, não é sem motivo que Jesus, o maior Psicanalista de

todos os tempos, nosso perfeito Psicoterapeuta Divino, alardeava em alto e bom som a necessidade da manutenção da paz a todo o preço. Por isso mesmo, podemos observar que – á guisa de saudação – Ele sempre dizia com muita frequência “*paz seja convosco*”. Inclusive, ao voltar das sombras tumultares e aparecendo para seus assustados discípulos, Suas primeiras palavras foram estas “*paz seja convosco*”, repetindo-as seguidamente, na mesma oportunidade, conforme podemos observar pelo registo Neotestamentário de João².

Fénelon (Espírito) chega mesmo a afirmar³, sem reбуços: “*(...) a paz do coração é a única felicidade real deste mundo*”.

Segundo estudos⁴ do autor do livro “*Emotional Intelligence*”, Dr. Daniel Goleman, psicólogo PhD pela Universidade de Harvard, “*(...) a capacidade de manter o autocontrole, de suportar o turbilhão emocional que o “acaso” nos impõe e de não nos tornarmos “escravos da paixão”, tem sido considerada desde Platão como uma virtude. Na Grécia clássica, tal atributo era denominado “sophrosyne”*”.⁵

Para os romanos e para a antiga Igreja Cristã, isso significava “*temperantia*”, temperança, contenção de excessos... O objectivo é o equilíbrio e não a supressão das emoções: cada sentimento tem seu valor e significado. Uma vida sem paixão seria um entediante deserto de neutralidade, cortado e isolado da riqueza da própria vida. Mas, como observou Aristóteles, o que é necessário é a emoção *na dose certa*, o sentimento proporcional à circunstância. Quando as emoções são sufocadas, geram embotamento e frieza; quando escapam ao nosso controle, extremadas e renitentes, tornam-se patológicas,

tal como ocorre na depressão paralisante, na ansiedade que aniquila, na raiva demente e na agitação maníaca...

Na verdade, manter sob controle as emoções que nos afligem é fundamental para o bem-estar; os extremos – emoções que vêm de forma intensa e que permanecem em nós por muito tempo – minam nossa estabilidade. É claro que não devemos sentir apenas um tipo de emoção: ser feliz o tempo todo de certa forma sugere a insipidez daqueles adesivos com rostos sorridentes que foram moda nos anos 70. Muito pode ser dito sobre o lado construtivo do sofrimento para a vida criativa e espiritual: o sofrimento fortalece a alma...

Os altos e baixos dão tempero à vida, mas precisam ser vividos de forma equilibrada. Na contabilidade do coração, é a proporção entre emoções positivas e negativas que determina a sensação de bem-estar – pelo menos, essa é a conclusão resultante de estudos feitos sobre estados de espírito realizados junto a centenas de homens e mulheres que portaram *bips* que soavam, em momentos aleatórios, para lembrar-lhes de registrar o que estavam sentindo naquele instante. Não se trata de evitarmos os sentimentos desagradáveis para que fiquemos satisfeitos, mas, antes, de não permitir que sentimentos tempestuosos nos arrebatem, prejudicando o nosso bem-estar. As pessoas que têm fortes episódios de raiva e depressão conseguem, mesmo assim, obter uma sensação de bem-estar se têm, para contrabalançar, um conjunto de momentos igualmente alegres ou felizes. Esses estudos também afirmam a independência da inteligência emocional da inteligência acadêmica, constatando pouca ou nenhuma relação entre o nível de QI e o bem-estar emocional das pessoas.

Assim como há um murmúrio de pensamentos de fundo na mente, há um constante zumbido emocional. Se “*biparmos*” alguém às seis da manhã ou às sete da noite, o encontraremos com um humor diferente em cada um desses momentos. Claro, em duas manhãs quaisquer, alguém pode ter estados de espírito bastante diversos; mas quando se calcula a média dos estados emocionais de uma pessoa em semanas ou meses, eles tendem a reflectir o senso de bem-estar geral dessa pessoa. Constata-se que, para a maioria, sentimentos extremamente intensos são relativamente raros; a maioria de nós fica na cinzenta média, com suaves lombadas em nossa montanha-russa emocional.

Ainda assim, controlar nossas emoções é o meio como exercer uma actividade de tempo integral: muito do que fazemos – sobretudo nos momentos livres - são tentativas de manter o bem-estar. Tudo, desde ler um romance ou ver televisão, até às actividades e companhias que procuramos, são tentativas para que nos sintamos melhor.

Dizem, os teóricos, que os bebés emocionalmente sadios são aqueles que se consolam tratando-se como seus responsáveis os trataram, o que os deixa menos vulneráveis às agitações do cérebro emocional.

Muitas vezes, temos pouco ou nenhum controle sobre *quando* somos arrebatados pela emoção e de *qual* emoção se trata. Mas podemos decidir sobre *quanto* durará uma emoção. O problema não está na tristeza, preocupação ou raiva ocasionais; normalmente, esses sentimentos passam com tempo e paciência. Mas quando eles são muito intensos e ultrapassam um limite razoável, atingem seus perturbadores extremos – ansiedade

crónica, ira descontrolada, depressão... E, no ponto mais severo e insuportável, para que sejam debelados, pode ser necessária a medicação, psicoterapia ou as duas coisas juntas.

O Espiritismo nos fornece todo um arsenal psicoterapêutico que não pode faltar em nossas “*prateleiras emocionais*”: a prece, a meditação, a visualização terapêutica, o passe, a água magnetizada, a leitura sadia e reconfortante que nos emancipa dos baixios da depressão, o estudo sistematizado perseverante que clareia nossas veredas existenciais.

Jesus, o singular Médico das Almas, enfatizou⁶ a necessidade da “*vigilância e da oração*”, bem como a obrigação de estarmos sempre alertas para que não sejamos sequestrados por situações dolorosas. Aqui também a prevenção é melhor do que remediar... Portanto, devemos construir uma bem pavimentada e segura avenida interior, aonde “*transitaremos*” com segurança, mesmo sob os mais duros e traiçoeiros vendavais, mantendo a paz conosco, tal como recomendou Jesus em suas doces exortações. Tal procedimento nos ensinará o mais extraordinário instrumental para conquistarmos o preciosíssimo e fundamental dom da vida; *a tranquilidade*. Acreditamos ser essa a essência da mensagem de Jesus quando – amorosamente – recomendou: “*não se turbe o vosso coração*”

1 – BÍBLIA, N. T. João. Português. *O novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Editora, 1983, cap. 14, vers. 27.

2 – BÍBLIA. Idem, idem, cap. 20, vers. 19 e 21.

3 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 104 ed. Rio de Janeiro. FEB, 2009, cap. V, item 23.

4 – GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro. Editora Objectiva. 200. P. 69 e 70.

5 – Segundo interpretação de Page Dubois, estudioso do idioma grego, esta palavra significa “*precaução e inteligência na condução da própria vida; equilíbrio e sabedoria*”.

6 – BÍBLIA, N.T. Mateus. Português. *O novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1983. Cap. 26, vers. 41.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

NATAL E JESUS

Maldade, escravidão, guerra, ódio, vingança:
- Eis o mundo anterior ao Século Primeiro!...
Nasce Jesus nos panos de um celeiro
E alastra-se na terra um clarão de esperança.

Jesus cresce tranquilo e se faz mensageiro
De consolo e de paz, de amor e segurança,
Tudo é Luz e Bondade, reconforto e mudança,
Começa, enfim, a abolição do cativoiro...

Mais tarde, ei-Lo maior, o Homem Justo e Perfeito,
Ensina o rumo certo, o perdão e o direito,
Sofre perseguições... Vence a cruz desolada...

E o sol que o viu nascer, brilhando em ondas de ouro,
Contemplará Jesus, no milénio vindouro,
Abençoando a Terra em nova madrugada.

MARIA DOLORES

(In: VERDADE E AMOR, psicografia de Francisco C. Xavier, edição 2014/FEB).

*

MENSAGEM AOS ESPIRITUALISTAS

Esta mensagem é apoiada na obra “A GRANDE SÍNTESE”, recebida mediunicamente à luz da consciência, pelo prof. Pietro Ubaldi. Mais uma vez, sentindo e ouvindo a Sua Voz, que lha ditou, recordei óptimos ensinamentos, para o nosso progresso e orientação geral.

No interesse de ser útil a outros irmãos estudiosos, ofereço à vossa atenção e meditação.

Diz ela, em alguns dos tópicos adoptados para esta crónica:

“Esta é a minha Voz de justiça e da vossa consciência. É a Voz de Deus em vossa vida, no íntimo de vosso ser espiritual e eterno que não podereis fazer calar, sempre presente.”

Na profundidade da alma das coisas, Deus transparece à medida que se ascende. Na sua progressiva manifestação, cada vez se aproxima mais da Sua Criatura até que o homem melhor o possa sentir e compreender relativamente.

O trabalho não é uma necessidade económica; é uma necessidade moral. O conceito económico de trabalho deve ser substituído por função social. Direi mais: função biológico-construtora. Substituir o conceito de trabalho ganho pelo trabalho dever; de trabalho missão.

Prosseguindo, Sua Voz diz: “Parar mais do que necessidade, do que o esforço exige, é culpa de lesa evolução. Quem se conserva ocioso, rouba à sociedade e a si próprio”.

Trabalhar para ter saúde, paz e alegria de viver é o novo mandamento. A humanidade precisa formar esta consciência de trabalho-dever; de trabalho missão, para seu bem. Rouba todo aquele que acumula bens, não importa se de certo modo legal, sem trabalhar.

Há necessidade de melhor esclarecimento e orientação do homem para saber quem ele é; porque vive, de onde vem e para onde vai, a fim de que ele compreenda a sua destinação. Do homem tem que nascer o anjo que, em potencial, nele se contém.

Cristo é o nosso modelo. É a nossa redenção, que tem no Evangelho seu código; na virtude suas normas e na vida dos santos sua prática, que há de nos inspirar e impulsionar nessa justa realização através do espaço e do tempo.

O homem que, pela sua fé, tem conquistado o poder da Terra e até do espaço, precisa conquistar-se a si mesmo.

Num mundo em que o homem não considera verdadeiramente irmão o seu semelhante, como se o infortúnio

pudesse isolar-se sem afetar a cada qual; num mundo em que cada qual procura vencer e enganar o próximo, só o Evangelho poderá salvar-nos verdadeiramente.

Todos querem ser salvos, mas procuram a salvação por fora de si mesmo – o que é uma utopia.

A salvação, como a felicidade, o progresso enfim, são sempre a soma dos esforços e merecimentos individuais. A humanidade precisa ser esclarecida sobre todos estes pontos, para que tenha mais consciência da vida que Deus lhe deu e possa ter mais fé e confiança em si mesma, tornando-se mais feliz e não haja de precisar, para viver, tanto da guarda e dependência de outros, procurando cada qual orientar-se por si mesmo à base da sua consciência e do Evangelho que deve ser o vosso roteiro.

Podereis notar que o sofrimento, que tanto vos atemoriza, como que se evapora à medida que se vai edificando o vosso conhecimento, a vossa fé e confiança em vós mesmos, através do processo de vossa evolução espiritual.

Num mundo ainda sub-humano, a dor é esmagadora porque a alma ainda se conserva cega, sem luz. Neste estado, a dor é sem fim, no seu conceito. No mundo já humano, a dor é suportável porque a alma vê as causas que a determinaram e sabe que vai suportá-las. No primeiro caso, pode-se considerar o tal inferno eterno. No segundo, o purgatório temporário.

Prosseguindo, a Sua Voz suas sábias instruções e ponderações, afirmou: “A compreensão não é obra de cultura ou

de raciocínio: é uma maturidade que só se alcança por evolução de sabedoria e amor”.

Ninguém pode invadir o destino de outrem. Só no seu próprio destino pode alguém semear dores ou alegrias. Tudo tem uma causa. As leis são perfeitas e não se dobram à vontade dos homens, porque são divinas; não se alteram, apesar dos homens e mesmo contra a vontade dos homens, que sempre as apreciam a seu modo e conveniência.

O homem pensa que manda, mas pelo contrário, obedece sempre, submetido pelo instinto à vontade da Lei, que é quem o comanda sempre, por suas causas e efeitos, sem mesmo que ele o compreenda verdadeiramente.

O homem deve aprender à custa de crises várias, dores e aflições, que a coisa mais estável, mais inteligente, mais rendosa, é a HONESTIDADE; que a posição mais útil é a que leva em conta os INTERESSES DE TODOS.

Estas são leis da vida, que é preciso entender e respeitar porque não podem sofrer reformas, como as leis feitas pelos homens.

À frente destas organizações não poderá deixar de estar o CHEFE, que tudo deve ver e saber para melhor prover e orientar aos interesses da colectividade.

Podeis dizer, depois de tantas instruções e ponderações que vos apresento, que tudo isso pouco pode importar á vossa vida, que se move ainda na mesma linha de diferentes objectivos, e que é inútil o vosso sofrer.

A alma humana é sempre uma mina de desejos insaciáveis, que sempre vos acompanham em constante luta com a vossa consciência, no interesse de ascender, de revelar-se, obedecendo a impulsos instintivos que nunca terminam porque são ânsias de progresso no caminho das vossas justas ascensões espirituais. O desejo cria a função e a função cria o órgão, e os dois promovem o progresso, que conduz à vida sempre maio e mais bela.

A dor, neste particular, desempenha uma importante função. Os órgãos são aptidões que têm por fim expressar a vida, proveniente da vontade de ser, de fazer algo que deseja ser movido por tais impulsos instintivos próprios.

Como podereis notar, o instinto é instrumento e a lei o movimenta nos seus objectivos como base de todas as coisas e transformações de que o espírito é sempre o autor que o comanda e orienta, de acordo com as necessidades evolutivas de cada qual, grupo ou classe, relativamente.

A lei não vos impõe que a compreendeis mas que lhe obedeçais, porque é lei e não são discutíveis os seus desígnios e determinações, que são imutáveis.

E prossegue: “A tarefa da classe dirigente não é mandar e dominar. É educar, instruir e disciplinar para a paz e prosperidade de todos”.

Vós vos moveis no infinito. A vida é uma viagem e nada mais possuíis do que as vossas obras. A toda a hora de vossa vida se nasce e morre, mas cada um é sempre herdeiro de suas obras e relativas consequências. Significa dizer: que se nasce

para novas realidades que foi possível alcançar, e se morre para muitas ilusões e desenganos que não foi possível sustentar mais, manter em nossa vida. Tudo isto faz parte da vida eterna, no caminho de nossa evolução espiritual, que é preciso considerar.

Como poderão notar, o equilíbrio é sempre perfeito em toda a vida. Morre uma ideia mas logo outra nova lhe sucede; desaparece uma forma, mas outra surge em substituição; e a vida continua sem solução de continuidade, na Terra como no mundo espiritual.

E a sua Voz continua: “O amor é força criadora que a tudo preside no Universo. Chama-se atracção e coesão, no nível matéria. Impulso e transmissão ao nível energia. Ímpeto de vida e ascensão no nível do Espírito, à base de vossa consciência e supraconsciência. É harmonia na ordem cinética fundamental da vida, em que ela é a nossa respiração e também a divina respiração do Universo.

Conclusão:

Ousamos desvendar o mistério e mirar sem véus a Lei, que é o pensamento de Deus no íntimo de nossa consciência. Em todos os momentos da vida vimos aquele conceito que rege tudo, por meio do qual tudo se pode sentir e melhor compreender, “Grande Síntese da Vida”, que vai do mineral ao génio, para contemplar a obra do espírito que é o pensamento de Deus e o triunfo do homem, à base de sua supraconsciência - que é uma emanção de Deus na criatura humana que dele mais se aproxima por sua vida e obra, através dessa centelha divina que nos acompanha.

Choramos e rimos, com este princípio que nos acompanha sempre, através de todas as lutas de nossa evolução entre trevas e luz, o bem e o mal, relativamente. Sempre nos amparou, por isso vencemos, com a sua ajuda.

O nosso estudo foi a adoração da Divindade. Encaminhei o homem para a sua futura consciência cósmica. Não discuti, nem deveis discutir. A convicção não se impõe com ameaças e sim com exemplos de amor e fé.

A Ciência, enquanto o amor evangélico não a fecundar, será ciência infernal. É inútil o progresso mecânico que faz da Terra um jardim, se nesse jardim habitam feras.

A Terra é um inferno, porque ainda sois demónios. Tornai-vos anjos e ela se converterá em paraíso.

Digo-vos: agredir, nunca! Não sejais agentes de vossa justiça! Seja a Divindade, por sua Imutável e Divina Lei. Perdoai! Fazei sempre o bem, porque a vós mesmos o fareis! Deixai à Lei a reacção. Não vos ligueis ao ofensor, procurando vingança. Perdoai sempre, para que do mal possais manter-vos desligados e, conseqüentemente, das dores e aflicções que ele produz.

Não desanimeis. Perseverai nesta verdade e ela vos libertará.

Precisais aprender a voar com vossas próprias asas, a fim de vos libertardes verdadeiramente.

Ai daquele que faz, de uma nobre missão, uma profissão. Praticando um acto, não mais podereis anulá-lo. O que podereis fazer é compensá-lo relativamente, com outro acto. A todos um juízo final, que vos acompanha sempre através de vossa consciência, na vossa vida.

As três cruces do Gólgota dão testemunho do comportamento do homem perante a Lei; da sua fé em Deus e confiança em si mesmo. As três são distintas.

Pode-se viver em paz quando tudo o que vos cerca está em guerra, se o homem está com Deus e em paz com sua consciência. O contrário acontece àquele que não se mantiver em paz, porque esta paz de que vos falo não pode ser alcançada por decretos ou favores ou heranças de ontem. Tem de ser conquistada por cada um. E, sem ela, não se alcança a necessária sintonia que vos liga com a verdadeira sabedoria e amor, de onde nos vêm todas as forças e luz para superar vossas dificuldades e solucionar vossos problemas com bom entendimento e paz no vosso coração.

JOSÉ SIMÕES DE MATTOS

(In: Revista portuguesa de ESTUDOS PSIQUICOS, já desaparecida, Novembro de 1978).

*

JESUS – CRISTO

Segundo referência de Camilo Castelo Branco, um grande conhecedor da condição humana, Napoleão Bonaparte certa vez declarou, perentoriamente, a um grupo de seus amigos: “Conheço os homens e afianço-te: Jesus-Cristo não era um homem”.

O notável corso, génio das armas, sempre demonstrou possuir uma acuidade mental fora do comum. Por exemplo: em seu julgamento pessoal, suas conquistas guerreiras, que chegaram a abalar toda a Europa, tinham menor significação que o monumento da legislação civil legado aos franceses com o “Código de Napoleão”.

Na frase citada ficou mais uma vez demonstrada sua superior agudeza na percepção de uma verdade transcendental que só mais tarde a Revelação Espírita tornaria clara: a personalidade de Jesus, por sua superioridade moral e poder, não se confunde, nem se compara com nenhuma outra.

Como está expresso na pergunta 625 de ‘O Livro dos Espíritos’, Jesus é “o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo”, constituindo-se, na palavra de Kardec,

“(…) o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.”

Calcula-se já que se tenha escrito mais de cinquenta mil obras sobre Jesus, sem esgotar-se o assunto.

Jamais houve, na Terra, outra personagem que possa aproximar-se, mesmo de longe, da fascinante atração exercida pela personalidade do Mestre Incomparável sobre os mais privilegiados cérebros quanto sobre os mais humildes corações.

Ele é a mais rica inspiração dos mais puros e elevados sentimentos, quanto dos mais variados e generosos pensamentos, transformados pelos escritores e pensadores em pequenas monografias ou em jóias da literatura mundial.

As artes vêm nele se inspirando através dos séculos.

As religiões cristãs têm nele o seu sustentáculo.

Milhares de instituições sociais e políticas, espalhadas por todo o mundo, baseiam-se ou apoiam-se pelo menos em alguns de seus ensinamentos.

Apesar dessa influência inigualável e inconfundível, muitos séculos se passaram antes que os homens entendessem verdadeiramente a personalidade de Jesus. Ainda hoje, sob a influência da interpretação e do ensino das igrejas cristãs, o Cristo é tido e considerado como o próprio Deus, em criação dogmática de profundo contraste com os ensinamentos dos Evangelhos, enquanto os materialistas e as correntes racionalistas, anticristãs ou não, consideram-no simples homem.

O Divino Mestre continua o grande desconhecido dos nossos dias, ora cultuado como “Deus-Filho”, ora reduzido à

condição de o “Homem de Nazaré”, quando, na realidade, Ele não é nem Deus nem homem, na lúcida expressão de Guillon Ribeiro.

*

Não é fácil, para qualquer de nós, abalancar-nos em apreciações sobre a personalidade de Jesus. Tal o fulgor resplandecente de sua figura, tal a sua superioridade que, somente revestindo a túnica da humildade e imbuídos do mais profundo respeito, poderemos tangenciar algumas questões que põem à mostra sua grandeza incomparável.

Fora das fileiras dos apologistas tradicionais que buscaram afirmar a divindade de Jesus, baseados principalmente nos chamados milagres por Ele praticados e nas resoluções de diversos Concílios, muitos escritores célebres, mesmo eliminando o *milagre* e o *sobrenatural*, terreno próprio das religiões dogmáticas, não deixaram de admirar o carácter impar do Mestre e a perfeição moral de um *homem* bom e de inteligência superior, tão-somente.

É o caso de E. Renan e D. Strauss, racionalistas e demolidores que estudaram a vida de Jesus, cada qual apresentando-a à sua maneira, dentro de pontos de vista pessoais e na defesa de determinada tese preconcebida. Suas obras, de forte conteúdo histórico, procurando fugir ao carácter apologético dos teólogos das Igrejas, caem no extremo oposto de falta de sensibilidade para apreciar o que está acima das medidas ordinárias e dos padrões comuns do homem.

Não obstante, Renan não consegue conter-se dentro dos limites de sua tese preestabelecida, traindo-se ao proclamar:

“A mais alta consciência de Deus que tem existido no seio da Humanidade foi a de Jesus.” (‘A vida de Jesus’, pág. 63 da 4ª ed. da trad. de Eduardo Augusto Salgado – Porto. Portugal).

Outros escritores, preocupados com a biografia do “Filho do Homem” não se limitaram aos factos históricos, aos escritos e às tradições que se salvaram e chegaram aos nossos dias. Dão curso á imaginação, alongando-se em narrativas criadas pela fantasia, julgando que enriquecem, através da ficção, o poder de convencimento. Edmond Rostand, no drama “A Samaritana”, oferece exemplo dos que se valem das criações fantasistas para exaltação do que já é grandioso por sua própria natureza. É bom que apreciemos, com as devidas cautelas, o que se constitui criação imaginária, evitando o perigo da exaltação vazia.

No escorregadio terreno das discussões de um tema transcendente, qual o da personalidade de Jesus, visando a ampliar e esclarecer a inteligência humana, todos nós precisamos nos munir de muita humildade, especialmente porque nossa capacidade intelectual está, em geral, aquém da realidade imanente. Sem o auxílio da Revelação Espírita, a grande fonte da verdade, que emana das Altas Esferas, estaria reduzida aos esforços da iniciativa dos homens, enveredando, quase sempre, pelos ínvios caminhos da negação, do orgulho, das vaidades, da maldade e do erro.

Eis um exemplo das especulações teológicas a respeito da personalidade do Cristo que redundaram apenas em

fracasso lastimável, de graves consequências, justamente por falta de caridade, de amor ao próximo e de humildade.

O Concílio de Niceia, convocado por Constantino no ano de 325, reuniu mais de trezentos bispos oriundos de várias partes do Império Romano. Havia, à época, diversas controvérsias de cunho religioso, sobressaindo-se a da natureza da pessoa do Cristo. Indagavam os prelados se o Cristo tinha ou não a mesma essência de Deus. Como se observa, os homens tendem a preocupar-se com questões transcendentais, que ainda não têm capacidade de alcançar, descurando-se de suas necessidades e deveres imediatos, como o seu aperfeiçoamento intelectual e moral. Desde os primórdios do Cristianismo esquecia-se, como hoje, a necessidade imperiosa da prática da caridade, no exercício dos ensinamentos de Jesus, preferindo-se indagar da natureza de sua essência.

O resultado daquele célebre Concílio não podia ser pior para o Cristianismo, para a Igreja e para toda a cristandade, justamente por falta de humildade e por excesso de orgulho dos teólogos. Aconteceu que houve um partido vencedor dentro do Concílio, nascendo daí a instituição de determinados dogmas religiosos, de que tanto tem abusado o romanismo. Os vencidos nas discussões passaram a ser perseguidos e quem desrespeitasse as conclusões, que por sinal estavam longe da verdade, sofreria a pena de morte.

Como entender-se que uma simples resolução de uma maioria de prelados, a respeito da excelsa figura do Cristo, todo amor e compreensão, gerasse tão graves e grosseiras consequências, contrastando totalmente com seus ensinamentos e exemplos?

Não foi somente entre os pósteros que se instalou a dúvida milenar a respeito da natureza e personalidade do “Filho de Deus”, que em tantas passagens evangélicas se autodenomina “Filho do Homem”. Entre seus próprios discípulos, enquanto Pedro, intuitivamente, respondia ser Ele, o Mestre, “o Cristo, o Filho de Deus vivo” (Mat., XVI-16), Judas o considerava simples mortal e só após a traição exclamou, arrependido: “Pequei, traindo o sangue inocente” (Mat., XVII-4). Já Tomé, o mais incrédulo dos apóstolos, exclamava diante da aparição do Cristo, após a crucificação: “Meu Senhor e meu Deus” (João, XX-28).

As pessoas que, de alguma forma, fizeram contacto com Jesus, ouvindo-o em suas prédicas ou presenciando as curas e prodígios por Ele realizados, também tiveram dificuldades em entender sua personalidade. Alguns do povo julgavam-no João Batista, outros, Elias, ou um dos antigos profetas ressuscitado (Lucas, IX-19).

É muito interessante, pela intuição manifesta, o pedido da mulher do governador Pôncio Pilatos, quando do julgamento de Jesus: “Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele”.

Apesar da advertência, a fraqueza e pusilanimidade do governante cederam á pressão dos acusadores e á própria consciência, não sem antes declarar: “Haveis-me apresentado este homem como perverso do povo; e eis que, examinando-o na vossa presença, nenhuma culpa, das que o acusais, acho neste homem”. (Lucas, XXIII-14).

Poder-se-ia ainda argumentar com muitas das profecias contidas no Velho Testamento para demonstrar a excepcionalidade da figura de Jesus. Vamo-nos valer de apenas uma, pela força que contém, pela beleza e grande antecedência do vaticínio e pela confirmação da previsão pelo próprio Cristo. É a que está narrada em Lucas, IV-16 a 21.

“16 – E chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler.

“17 – E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e quando abriu o livro achou o lugar em que estava escrito:

“18 – O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração.

“19 – A apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor.

“20 – E cerrando o livro e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele.

“21 – Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos.”

Há nos Evangelhos sinóticos diversas passagens em que Jesus se coloca como Filho de Deus, embora não explicitamente. A referência feita, na parábola da vinha, ao *Filho*, é exemplo do simbolismo usado por Jesus para considerar-se o “Filho de Deus”.

É no Evangelho de João onde se encontra mais nitidamente a condição de “Filho de Deus” invocada por Jesus, como nas seguintes passagens:

III, 35 – “O Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou nas suas mãos”.

V, 19-20 – “O Filho, por si mesmo, não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer o Pai; porque tudo quanto ele o faz, o Filho faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que faz.”

XIV, 13 – “E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei para que o Pai seja glorificado no Filho.”

*

É com sua extraordinária personalidade, tecida de amor, de luz, de energia e de humildade, que Jesus sobrepõe sua autoridade à da Lei Antiga, às tradições mais remotas e arraigadas do povo judeu. Essas tradições, firmadas nos livros sagrados, sempre foram defendidas com todo o rigor pelo espírito da raça, seja através da transmissão directa de indivíduo a indivíduo, seja através de organizações e associações, empenhadas em não permitir qualquer alteração nas antigas escrituras.

Jesus rompeu esse poderoso círculo, responsável pela cristalização de erros nas crenças e ideias judaicas. Afirmando não ter vindo destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento, rectifica o que havia de incomparável com a lei de Deus, dando-lhe entendimento justo para fazê-la cumprir com fidelidade. Assim é que, no Sermão do Monte, repete seguidamente a frase que soaria como sacrílega aos ouvidos dos judeus ortodoxos de todos os tempos: “Ouvistes o que foi dito..., eu porém vos

digo”. E rectificou o entendimento de pontos essenciais da lei moral, sobre o “não matarás”, sobre o divórcio e o adultério, sobre o amor ao próximo e sobre a lei de Talião.

Em ocasiões diversas contrariou frontalmente o entendimento do significado de lavar as mãos, da guarda do sábado e da maneira de orar.

Aos seus discípulos não pede apenas o dever de “amar ao próximo como a si mesmo”. Na última reunião com os amigos dilectos, instituiu para eles e para toda a comunidade verdadeiramente cristã o novo mandamento – “que vos ameis uns aos outros como eu vos amei – que serviria de distintivo inconfundível no reconhecimento da fraternidade legítima, da solidariedade, do amparo recíproco e do entendimento entre todos aqueles que quisessem seguir-lhe os passos, nos círculos da Boa Nova.

Somente uma personalidade excepcional, que estivesse acima das convenções humanas, acima das tradições de uma raça ciosa e orgulhosa de seus valores, que fosse capaz de despertar a atenção para seu próprio valor, sem demonstrar falta de equilíbrio e de modéstia, que mostrasse aos homens de sua época e á Humanidade do futuro toda a sua grandeza, sem ferir-lhes a pequenez, seria capaz de proclamar, com serenidade e naturalidade:

“Quem ama seu pai e sua mãe mais que a mim não é digno de mim.” (Mat., X-37). “Todo o poder me é dado no céu e na Terra.” (Mat., XXVIII-18). “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida.” (João, VIII-12).

Estas e muitas outras afirmações evangélicas, cujo sentido literal levou a tantas interpretações errôneas, seriam preservadas para que o Consolador prometido lhes desvendasse o verdadeiro sentido, pondo à mostra, no tempo apropriado, a figura fulgurante do Mestre e Senhor, ao mesmo tempo Guia da Humanidade de todas as épocas e Governador deste Planeta.

Nenhuma figura humana, por mais poderosa tenha sido, nenhum déspota, imperador ou conquistador guerreiro, nenhum fundador de religião, ninguém, na face da Terra, ousaria proclamar-se com os poderes do Cristo, sem cair no descrédito e no ridículo, qual ocorreu com Nero, com Alexandre e mais uma lista enorme de personagens históricas.

Com o Cristo, porém, a consciência cristã, a consciência espírita, aceita com toda naturalidade suas afirmativas, por sabê-las verdadeiras, sem nenhum conteúdo de ostentação ou de falta de modéstia. Pelo contrário, todas as suas afirmações, todos os seus ensinamentos são expressões de uma realidade que, cedo ou tarde, cada um de nós descobre.

JUVANIR BORGES DE SOUZA

(In Revista Espírita Brasileira REFORMADOR, de Maio de 1987. O autor, já desencarnado, juiz na vida civil, foi Presidente da FEB, tendo sucedido a Francisco Thiesen).

*